

A ESCOLA E A SUA RELAÇÃO COM A CULTURA E A SOCIEDADE

Camilla Mariano ¹

RESUMO

Esse artigo aborda sobre a escola enquanto meio de produção e principalmente reprodução cultural, onde as especificidades culturais de massa não tem espaço devido aos princípios ideológicos da classe dominante prevalecerem. Os indivíduos são aculturados de modo a aceitarem o conjunto de normas estabelecidas, sem questionar as contradições existentes. E a sociedade está envolvida nesse todo que expressa as diferenças e ao mesmo tempo as hierarquias. A justificativa desse escrito é pela necessidade de pensarmos essa inter-relação da Escola com a Cultura e a Sociedade no contexto da Educação Brasileira. Assim, a necessidade de uma Educação para a Sociedade está cada vez mais acentuada, mas para que esse fato se concretize é preciso entendermos a Educação como fenômeno social, cultural e histórico. O texto apresenta como modelo ideal a Educação Omnilateral, que visa a formação integral dos sujeitos. O objetivo principal do texto é demonstrar como a escola está relacionada com a cultura e o seu processo de produção e reprodução cultural.

Palavras-chave: Escola, Sociedade, Cultura, Educação Omnilateral.

INTRODUÇÃO

No decorrer da disciplina “Educação, Cultura e Sociedade”², foram trabalhadas três unidades de estudos com vários autores, entre eles: Snyders (1977), Johnson (1997), Petitat (1994), Freire (2014), Teixeira (2007), Fernandes (1966), Saviani (2009), Makarenko (2002), Frigotto (2012), Delors (2006) e Ragazzini (2005) que constituíram a bibliografia básica. Cada texto foi lido e realizado uma síntese com as suas principais ideias. A bibliografia complementar também foi lida e fichada.

A temática de interesse escolhida para a escrita deste trabalho foi a Educação, Cultura e Formação Humana, nesse sentido o objetivo geral do texto é demonstrar como a escola está relacionada com a cultura e o seu processo de produção e reprodução cultural. Bem como, sua interligação com a sociedade, afinal o processo educativo não é isolado e acompanha o poder político, econômico e cultural em vigência.

A organização do texto segue os seguintes itens, introdução e os subtítulos: “A Escola e o Processo de Produção e Reprodução Cultural” e “Educação Omnilateral, o modelo ideal”. Na primeira parte é apresentado o conceito de Escola e Cultura, além da predominância dos

¹Pedagoga e Mestranda pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, camyllamariano@gmail.com.

² Este trabalho é resultado de análises e discussões dos textos da disciplina “Educação, Cultura e Sociedade”, desenvolvida no segundo semestre de 2022, no Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), campus de Francisco Beltrão.

elementos culturais burgueses nas formas escolares. Em um segundo momento, visando uma formação humana e integral como maneira de romper com a alienação provocada pelo sistema hegemônico temos a Educação Omnilateral que propõe um ensino a partir da base material da sociedade, da realidade concreta e específica dos alunos. Além disso constam também as Considerações Finais.

METODOLOGIA

O procedimento metodológico utilizado é a análise de autores estudados durante os encontros, tais como Snyders (1977), Johnson (1997), Petitat (1994) e Delors (2006). E de outros autores como Gramsci (1978) e Alves (2010), buscados para aprofundamento de conceitos, discussões e reflexões teóricas na construção deste artigo. Procuramos estabelecer um diálogo entre ambos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ESCOLA E O PROCESSO DE PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO CULTURAL

A escola é uma instituição que está presente na produção e na reprodução social historicamente, por isso, é um elemento importante para compreender as transformações, os movimentos e as contradições da sociedade. “Explicamos melhor: a escola não faz mais do que produzir as condições de reprodução dos grupos sociais em posição dominante ou dominada, enquanto participa da produção e da transformação destes mesmos grupos”. (PETITAT, 1994, p. 194).

A escola em seus elementos internos e externos assume valores, normas, metodologias, políticas, currículos e práticas que privilegia a cultura dominante e suas regras. O conhecimento científico não é transmitido da mesma maneira para os estudantes da elite e da classe trabalhadora. É simplesmente reproduzido sem considerar as especificidades sociais, políticas e culturais dos alunos.

Do ponto de vista pedagógico, estando tais normas fatalmente desligadas da experiência vivida pelo aluno, recusando esta experiência visto que ela não passaria



de <confusão>, torna-se-lhe impossível encontrar uma resposta pessoal, tomar uma iniciativa – e só podem portanto ser-lhe impostas de fora: torna-se inevitável o autoritarismo escolar. (SNYDERS, 1977, p. 310).

Para Snyders (1977), a escola está focada na tradição e não na experiência dos educandos; para ele é importante a classe trabalhadora ter acesso à cultura, aos estudos, ao conhecimento. No entanto, o espaço de reprodução dentro das unidades escolares é maior, os valores éticos, morais e culturais se misturam provocando o autoritarismo escolar.

Mas afinal, o que é a escola? Qual o conceito de cultura? E como ambas estão relacionadas com os processos de produção e reprodução cultural? Esses são questionamentos relevantes no processo de compreensão da escola e seus elementos de produção e reprodução cultural.

Segundo Teixeira: “A educação e a sociedade são dois processos fundamentais da vida, que mutuamente se influenciam”. (2007, p. 87). A educação não acontece longe da sociedade, ela segue a lógica de poder e a escola acompanha o ritmo de mudanças da sociedade.

Com as transformações industriais e civis da sociedade, a escola não é mais isolada com seus deveres antigos de guardar e perpetuar valores sociais e culturais transmitidos de geração em geração. (TEIXEIRA, 2007). Pelo contrário, a escola de tempos passados hoje é aquela que prepara o homem para o novo mundo, repleto de exigências e contradições. “A escola não pode ficar no seu estagnado destino de perpetuadora da vida social presente. Precisa transformar-se no instrumento consciente, inteligente do aperfeiçoamento social”. (TEIXEIRA, 2007, p. 101).

No entanto, a escola ainda desenvolve um papel de reprodutora da cultura dominante quando não é planejada com foco na transformação e no acolhimento da pluralidade cultural existente. O próprio Teixeira afirma,

Dir-se á que isso tem sido a escola. Não é, porém, exato. A escola, até os dias de hoje, tem sido – as melhores dentre elas – apenas a continuadora da vida social passada (nem ao menos a presente!), pela doutrinação sistemática de alguns conhecimentos e alguns preconceitos compendiados, porque, assim o digamos, codificados, que os mestres aprendem e transmitem. (2007, p. 102).

O Dicionário de Sociologia define cultura como “[...] o conjunto acumulado de símbolos, ideias e produtos materiais associados a um sistema social, seja ele uma sociedade inteira ou uma família”. (JOHNSON, 1997, p. 59). Envolve as ideias, a religião, a moral e a ética de uma sociedade e de uma família.

A cultura ainda apresenta dois aspectos essenciais: os aspectos materiais e não-materiais. O primeiro, corresponde a base material da sociedade, inclui o que é produzido e transformado pelo homem. O segundo, se refere a cultura não-material, as ideias, aos costumes, atitudes e normas legais que são construídas a partir da cultura. (JOHNSON, 1997).

A cultura corresponde as ideias partilhadas pela maioria das pessoas em âmbito nacional e local, é constituída por elementos consolidados. “O que torna uma ideia cultural, e não pessoal, não é simplesmente o fato de ser comum a duas ou mais pessoas: ela deve ser vista e vivenciada como tendo uma autoridade que transcende os pensamentos do indivíduo”. (JOHNSON, 1997, p. 59).

Os elementos culturais também estão presentes na escola por meio da leitura e da escrita, dos currículos e metodologias, que estão diretamente relacionados a formação cultural, humana e social dos alunos. Estes são elaborados com foco na ideologia dominante, sem pensar na luta de classes existente no contexto escolar. “A noção de cultura dominante, de cultura da classe dominante, não deve ser, portanto, interpretada como um dado estatístico, mas como um resultado complexo e sempre móvel das forças em presença”. (SNYDERS, 1977, p. 316).

Assim, a cultura vivenciada pela maioria na escola não engloba as diferenças culturais, sociais, familiares e econômicas. Os elementos culturais do âmbito escolar ganham espaço apenas como reprodução cultural e não como elementos de crítica para compreender as entrelinhas entre presente e passado.

Petit (1994), em seu texto intitulado “Produção da escola/produção da sociedade: análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no ocidente” tratou sobre o início da era tecnológica, enfatizando sobre a escola ser produtora e reprodutora de cultura.

A invenção e a transformação das culturas escolares nunca deixam de ser objeto de conflitos. Estes servem ao mesmo tempo de cadinho e de campo de forças, onde tomam forma as definições sempre mutantes das homogeneidades culturais a ser produzidas e reproduzidas através das instituições escolares. As notas que se seguem referem-se às relações entre grupos sociais desiguais e opostos e culturas escolares hierarquizadas. (PETITAT, 1994, p. 201).

Portanto, esse processo de produção e reprodução cultural acontece por meio do ensino homogêneo ministrado nas salas de aula e que provocam centralidade, hierarquias e conflitos entre as classes dominantes e dominadas.

A organização da escola e da cultura é elaborada pela elite que visando atender aos seus interesses exclui as minorias do acesso ao conhecimento científico, do ensino, de um processo formativo crítico, político e libertador.

A tendência, hoje, é a de abolir qualquer tipo de escola “desinteressada” (não imediatamente interessada) e “formativa”, ou conservar delas tão somente um reduzido exemplar destinado a uma pequena elite de senhores e de mulheres que não devem pensar em se preparar para um futuro profissional, bem como a de difundir cada vez mais as escolas profissionais especializadas, nas quais o destino do aluno e sua futura atividade são predeterminados. (GRAMSCI, 1978, p. 110).

Essa afirmação de Gramsci (1978), apontou as diferenças existentes na escola, o desenvolvimento da atividade intelectual não é direito de todos, independentemente da classe social, mas é reservado aos pequenos grupos burgueses. Para o proletariado, o foco é uma formação prática, que fornece instruções direcionadas ao aperfeiçoamento da mão-de-obra, que não exige um pensamento intelectual tão avançado.

Antonio Gramsci foi um intelectual italiano marxista que a partir de Lênin elaborou sua concepção de hegemonia que consiste na necessidade de unificar a teoria e a prática para que a dominação e subordinação ideológica de um grupo sobre outro, tenha fim. Essa nova organização intelectual aconteceria por meio da política. (ALVES, 2010).

Pensando nessa discussão, em relação a minha pesquisa que se trata do processo de criação ao fechamento das escolas rurais no município de Pato Branco – PR, dentro do recorte temporal de 1950 a 1982, a escola se torna necessária quando há um avanço tecnológico, uma urbanização da sociedade passando a exigir mais formação intelectual, indo além dos conhecimentos simples da vida rural. Deste modo, quais os elementos culturais presentes na Educação Rural? Que elementos eram necessários para essa população cumprir sua função social na época? Esses são questionamentos pertinentes que a partir desse estudo e novas leituras será respondido na escrita da dissertação.

Desse modo, não existe uma unanimidade no processo educativo da Educação Brasileira, existe uma cultura dominante que impõe os seus saberes, valores e costumes aos grupos menores. Saviani explica,

A diferença consiste no grau de participação, no usufruto dos bens culturais. As conquistas culturais resultam de toda a sociedade, mas grande parte não participa



dessas conquistas, o que significa dizer: grande parte participa da produção da cultura, mas não participa de sua fruição. (2009, p. 160).

A diversidade cultural é reduzida a uma unidade cultural, os povos indígenas, africanos, nordestinos, ribeirinhos, gaúchos tem seus conhecimentos negados pelo capital, que institui uma cultura global. E esse fato se reflete no âmbito escolar por meio da reprodução cultural que não explora essa pluralidade de elementos culturais e suas infinitas possibilidades.

EDUCAÇÃO OMNILATERAL, O MODELO IDEAL

Em oposição ao modelo de educação burguesa imposto na escola e suas limitações, existe a Educação Omnilateral, um conceito marxista e até utópico, que pretende uma formação humana e integral dos sujeitos com base num processo coletivo e dialético da construção do conhecimento.

Educação omnilateral significa, assim, a concepção de educação ou de formação humana que busca levar em conta todas as dimensões que constituem a especificidade do ser humano e as condições objetivas e subjetivas reais para seu pleno desenvolvimento histórico. Essas dimensões envolvem sua vida corpórea material e seu desenvolvimento intelectual, cultural, educacional, psicossocial, afetivo, estético e lúdico. (FRIGOTTO, 2012, p. 267).

A omnilateralidade é uma forma de romper com o sistema cultural e educacional hegemônico, que busca na base material dos indivíduos elementos de superação da sua realidade. “São os seres humanos em sociedade que produzem as condições que se expressam no seu modo de pensar, sentir e de ser”. (FRIGOTTO, 2012, p. 268). Ou seja, somos construídos historicamente.

Os fundamentos filosóficos e históricos do desenvolvimento omnilateral do ser humano e da educação ou da formação humana que a ele se vincula, na sua forma mais profunda e radical (que vai à raiz), são encontrados nas análises de Marx, Engels e de outros marxistas, especialmente Gramsci e Lukács. (FRIGOTTO, 2012, p. 268).

A escola gramsciana deveria ser unitária, mas não no sentido de difundir os interesses de uma única cultura dominante, mas de unificar a teoria e a prática com a intenção de formar

para a mudança social, para a leitura crítica do mundo, para a apropriação política e com base na dialética (tese, síntese e antítese).

A superação da alienação, da visão capitalista de Educação por um processo de ensino emancipatório, completo, que tem o trabalho como princípio educativo e as múltiplas dimensões do homem ligadas à sua formação são os ideais da Educação Omnilateral. (DUARTE; OLIVEIRA; KOGA, 2016).

Ao pensar nessas mudanças da escola Freire ressaltou que ninguém se educa sozinho, mas o homem prepara seu processo educativo a partir das suas necessidades. “O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser o objeto dela. Por isso, ninguém educa ninguém”. (1979, p. 28). Para o patrono da Educação Brasileira, o conhecimento dos alunos precisa ser valorizado pelos professores, temos que resgatar os saberes relativos porque todos temos conhecimento.

O homem enche de cultura os espaços geográficos e históricos. Cultura é tudo o que é criado pelo homem. Tanto uma poesia como uma frase de saudação. A cultura consiste em recriar e não em repetir. O homem pode fazê-lo porque tem uma consciência capaz de captar o mundo e transformá-lo. Isto nos leva a uma segunda característica da relação: a consequência, resultante da criação e recriação que assemelha o homem a Deus. O homem não é, pois, um homem para a adaptação. A educação não é um processo de adaptação do indivíduo à sociedade. O homem deve transformar a realidade para ser mais (a propaganda política ou comercial fazem do homem um objeto). (FREIRE, 1979, p. 30-31).

A democracia ainda está em construção e as políticas públicas de descompromisso com a pluralidade cultural do Brasil objetivam justamente uma adaptação, um estabelecimento de padrões que desconsideram as singularidades culturais da sociedade. Todavia, os saberes são múltiplos e lutar por mudanças educativas, sociais e didáticas é preciso.

Tendo como princípio básico essa visão integral do homem em todas as suas dimensões humanas e uma educação organizada em prol da transformação, Delors (2006), estabeleceu os quatro pilares para a aprendizagem: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver juntos e aprender a ser.

Aprender a conhecer significa ir além dos saberes unitários, envolve o desenvolvimento contínuo, a curiosidade, o senso crítico, a memória e o entendimento da cultura como um todo. “O processo de aprendizagem do conhecimento nunca está acabado, e pode enriquecer-se com qualquer experiência”. (DELORS, 2006, p. 92).

Aprender a fazer está relacionado com o primeiro pilar da aprendizagem e envolve o aspecto da formação profissional. No entanto, “[...] não pode, pois, continuar a ter o significado simples de preparar alguém para uma tarefa material bem determinada, para fazê-lo participar no fabrico de alguma coisa”. (DELORS, 2006, p. 93). Mas deve envolver as relações interpessoais no trabalho, para que os indivíduos percebam: “[...] a visão global da pessoal como ser crítico diante das desigualdades, comprometido com a transformação social e econômica, a serviço da sociedade e em função do desenvolvimento das pessoas e não do capital”. (ZABALA, 2002, p. 57).

Aprender a viver juntos consiste em um grande desafio para a educação como um todo, porque é evitar conflitos, ter respeito as diferenças, ter esperança e viver de modo pacífico em sociedade. “A educação tem por missão, por um lado, transmitir conhecimentos, sobre a diversidade da espécie humana e, por outro, levar as pessoas a tomar consciência das semelhanças e da interdependência entre todos os seres humanos do planeta”. (DELORS, 2006, p. 97).

Aprender a ser, é o quarto e último pilar da aprendizagem e desenvolve a personalidade, as capacidades de autonomia, discernimento e de responsabilidade pessoal, como a solidariedade e a tolerância. (DELORS, 2006).

Este desenvolvimento do ser humano, que se desenrola desde o nascimento até à morte, é um processo dialético que começa pelo conhecimento de si mesmo para se abrir, em seguida, à relação com o outro. Neste sentido, a educação é antes de mais nada uma viagem interior, cujas etapas correspondem às da maturação contínua da personalidade. (DELORS, 2006, p. 101).

Sendo assim, as experiências dos alunos têm que ser valorizadas para que a sua imaginação, criatividade, aptidões artísticas, estéticas, comunicativas e físicas sejam potencializadas.

A Educação Omnilateral abrange esses princípios formativos propondo um processo educativo democrático, vitalício e harmônico, de maneira que todas as pessoas tenham direito a todos os conhecimentos científicos, tecnológicos e culturais, independentemente de sua classe social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola desempenha uma função fundamental na formação humana e seu papel na relação entre Educação, Cultura e Sociedade é mediado por práticas pedagógicas de produção e reprodução cultural. O capitalismo tem influenciado demais esse contexto provocando um ensino dual, no qual os conhecimentos da classe trabalhadora são ignorados.

O ensino é fragmentado em partes, descontextualizado e distinto da realidade dos alunos, as desigualdades são mais acentuadas a partir dos interesses formativos do sistema que busca justamente desconsiderar as contradições existentes.

Cabe aos professores dar voz as minorias por meio de um ensino crítico, libertador e coletivo que não seja sem sentido, sem significado, apenas reproduzido. É importante todas as crianças, jovens e adultos que passam pelos bancos escolares terem acesso à cultura, a política, aos debates.

O diálogo com as experiências culturais, sociais e históricas dos estudantes é essencial na construção de um processo formativo contínuo que seja reconstruído a cada dia acompanhando o movimento da sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. O conceito de Hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe. **Revista Lua Nova**, São Paulo, n.80, 2010.
- DELORS, Jacques. (Org). **Educação um tesouro a descobrir**. 10 ed. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC/UNESCO, 2006.
- DUARTE, Evandro Santos; OLIVEIRA, Neiva Afonso; KOGA, Ana Lúcia. Escola unitária e Formação Omnilateral: pensando a relação entre Trabalho e Educação. XI ANPED Sul: **Reunião Científica Regional da ANPED**, Curitiba, p. 1-15, jul., 2016.
- FERNANDES, Florestan. **Educação e Sociedade no Brasil**. São Paulo: Domínio Editora/USP, 1966.
- FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- FREIRE. Paulo. **Educação e Mudança**. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1979.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação Omnilateral. In: CALDART, et all (Orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012, p. 265-271.
- GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Editora Círculo do Livro, 1978.
- JOHNSON, Allan G. **Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica**/ Allan G. Johnson; tradução, Ruy Jungmann: consultoria, Renato Lessa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.



MAKARENKO, Anton. A Educação na família e na escola. In: LEUDEMANN, C. S. **Anton Makarenko vida e obra** – a pedagogia da revolução. São Paulo: Expressão Popular, 2002.

PETITAT, André. **Produção da escola/produção da sociedade: análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no ocidente**/André Petitat; trad. Eunice Gruman. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

RAGAZZINI, Dario. **Teoria da personalidade na sociedade de massa**: a contribuição de Gramsci. Campinas: Autores Associados, 2005.

SAVIANI, Demerval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 18.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2009, p. 155-172.

SNYDERS, Georges. **Escola, classe e luta de classes**. Tradução: Maria Helena Albarran. Editora: Beira Douro, Ltda. 1ª ed. Lisboa, Portugal, 1977.

TEIXEIRA, Anísio Spínola. **Pequena introdução à filosofia da educação: a escola progressiva ou a transformação da escola**. Anísio Spínola Teixeira, 1900-1971; organização da coleção Clarice Nunes; apresentação Carlos Otávio F. Moreira. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

ZABALA, Antoni. **Enfoque globalizador e pensamento complexo: uma proposta para o currículo escolar**. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: ArtMed Editora, 2002.